

Entre o semiótico e o ideológico / *Between the Semiotic and the Ideological*

Beth Brait*

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir a importância da articulação existente entre semiótica e ideologia como marca original e fundante do pensamento do linguista brasileiro José Luiz Fiorin. Dentre tantos trabalhos por ele publicados, explicitando e explorando essa constitutiva relação, a escolha aqui recai sobre suas duas primeiras obras - *Linguagem e ideologia* e *O regime de 1964: discurso e ideologia*. Esses livros inauguram, no final dos anos 1980, conforme os títulos explicitam, a coerência da maneira como o autor compreende *linguagem* em consonância com a vida e, especialmente, com os valores em tensão que regem a vida social e cultural de uma comunidade. Essa postura pioneira dentro das áreas do conhecimento em que se insere, com destaque para a Semiótica greimasiana, oferece e inspira, já nesses dois estudos, caminhos teóricos e práticos para a constituição das pesquisas semiótico-ideológicas e, a partir daí, para a pertinente leitura de um Brasil submetido a uma truculenta ditadura.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Ideologia; Discurso político; Semiótica

ABSTRACT

This paper aims to present and discuss the importance of the articulation between semiotics and ideology as an original and founding feature of the thinking of the Brazilian linguist, José Luiz Fiorin. Among his many published works, which show and analyze this constitutive relation, for this paper we have chosen his first two works – Linguagem e Ideologia [Language and Ideology] and O Regime de 1964: Discurso e Ideologia [The 1964 Regime: Discourse and Ideology]. At the end of the 1980s, those books initiated, as their titles show, this author's coherent understanding of language in consonance with life and, especially, with values in tension that rule the social and cultural life of a community. This pioneering position within the different fields of knowledge of which it is part, particularly the Greimasian Semiotics, offers and inspires, from those two publications on, theoretical and practical paths for the development of research in semeiotics and ideology researches that enables relevant interpretation of a Brazil that was under a truculent dictatorship.

KEYWORDS: Language; Ideology; Political Discourse; Semiotics

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, São Paulo, Brasil; CNPq; bbrait@uol.com.br

1 Um pouco de história

O aparecimento da argumentação, seu uso intensivo, sua codificação fazem parte da marcha civilizatória do ser humano, da extraordinária aventura do homem sobre a Terra. Ao abdicar do uso da força para empregar a persuasão o homem se torna mais humano.
José Luiz Fiorin

Este artigo resulta de pesquisa organizada para uma homenagem¹. A proposta, tanto do encontro científico como da reunião de artigos, foi revisitar as obras de José Luiz Fiorin, o conjunto de trabalhos publicados em livro, com o intuito de delinear as especificidades, a consistência, a abrangência de um pensamento linguístico brasileiro e sua importância e reconhecida interferência positiva na área da Linguística. Nesse caminho, defrontei-me, mais uma vez, com dois trabalhos que, a meu ver, são exemplares para a compreensão do autor e dos rumos tomados pela Linguística brasileira no século XX. Dentre os tantos livros que o autor já escreveu (e continua escrevendo), considero que esses dois primeiros são fundamentais para mostrar como seu percurso tem início, em termos epistemológicos, teóricos e metodológicos, e como esse começo indicia traços do que seria o desenvolvimento de sua pesquisa, replicada em muitas outras pesquisas da área. Na atualidade, talvez os trabalhos escolhidos sejam os menos conhecidos ou lidos, provavelmente pela força que os demais alcançam na Área e, como não poderia deixar de ser, pelo fato de estarem um pouco distantes das novas gerações: vinte e sete anos se passaram desde a primeira edição.

Essas razões impõem e reforçam a necessidade da retomada desses dois importantes escritos. Somam-se a elas o fato de que são obras que, claramente, ajudam a entender porque, dentre tantas razões, Fiorin se destaca entre os mais importantes linguistas brasileiros, revelando-se um consistente semiótico e um refinado analista de discurso. Em consonância com o título deste artigo-homenagem, o autor tem a rara capacidade de reunir ao conhecimento linguístico (penso no gramatical, no enunciativo, no discursivo), o literário e, além disso, como se não fosse o bastante, o conhecimento

¹ Este artigo resulta de pesquisa organizada para uma fala no *III Colóquio Cearense de Semiótica: uma homenagem a José Luiz Fiorin*, realizado na Universidade Federal do Ceará/UFC, nos dias 11 e 12 setembro de 2014. O homenageado que motivou a exposição e a escrita é, antes de tudo, um amigo muito querido, um dos meus melhores e mais próximos há mais de um quarto de século. Assim sendo, procurei alinhar um texto expondo o intelectual atuante, o pesquisador de renome, o mestre de várias gerações, privilegiando a dimensão científica, sem escamotear, entretanto, o viés afetivo.

imprescindível para discutir, com real fundamento, o que há de social, cultural e especialmente ideológico na maneira como a linguagem se apresenta, se constitui, constitui sujeitos, sociedades, culturas. A esse conjunto de conhecimentos, constantemente colocados em prática no fazer de Fiorin, junta-se a reflexão sobre as maneiras como são conduzidos os estudos da linguagem, envolvendo suas várias dimensões, em especial o campo constituído pelas diversificadas vertentes das análises do texto e do discurso, ganhando o primeiro plano a Semiótica greimasiana e a Teoria da Enunciação.

Nesse sentido, as obras escolhidas para compor uma das faces que delineiam o perfil intelectual, científico e acadêmico do autor, *Linguagem e ideologia*, São Paulo: Ática, [Série Princípios] e *O regime de 1964: discurso e ideologia*, São Paulo: Atual, [Série Lendo], ambas com primeira edição em 1988, são essenciais para a compreensão da complexa relação existente entre linguagem/ideologia, que é exatamente esse o tema de cada uma, e, ainda, das características não menos complexas de discursos proferidos por um presidente militar brasileiro entre os anos de 1964 e 1978. Esses livros funcionam, enquanto dupla solidária, como alicerces que sustentam e antecipam os caminhos que desenham o sólido pensamento linguístico de José Luiz Fiorin. E nada mais pertinente que retomar os ensinamentos neles contidos, num momento em que os 50 anos do início do golpe militar de 1964 motivaram tantos trabalhos.

É preciso ressaltar, ainda, que em certa medida é impossível conhecer de fato o pesquisador Fiorin (seria mais adequado dizer o pensador, o professor e o intelectual que nele convivem) sem uma aproximação mais cuidadosa dessas duas produções, reconhecendo o que elas têm de inovador, pertinente e, ao mesmo tempo *didático*, tanto no momento em que foram publicadas, final dos anos 1980, como em suas formas de permanência e contemporaneidade no que se refere à concepção de *signo ideológico* e de linguagem como *articulação semiótico-ideológica*. A epígrafe deste texto, por exemplo, foi colhida na última obra de Fiorin (2015)², justamente para mostrar que, ao escrever sobre argumentação, um tema tão específico, ele destaca essa *qualidade* humana por oposição ao recurso à força, característica do enunciador dos discursos da obra *O regime de 1964: discurso e ideologia* aqui destacada.

² Essa obra, que saiu após a realização do Colóquio, é motivo da resenha deste número de *Bakhtiniana*: p.260-268.

Para finalizar esse *início de história*, há mais um dado, talvez apenas *curioso*, que não pode ser descartado. Não é apenas porque minha pesquisa também se caracteriza pela tentativa de relacionar, muito frequentemente, língua, linguística, literatura e, nessa intersecção, voltar o olhar para uma concepção semiótico-ideológica da linguagem³ que reconheço a importância dessas obras do autor. Na verdade, minha faceta *editora*, que me acompanha desde os anos 1980⁴, guarda como um dos troféus o fato de ter tido a honra de editar a primeira obra de José Luiz Fiorin. Na condição de editora da Atual, sugeri e editei uma das obras que motivam este artigo. Mesmo antes de uma aproximação de amizade, descobri e convidei o linguista/semiotista José Luiz Fiorin a publicar *O regime de 1964: discurso e ideologia*, texto derivado de sua tese de doutorado *A religião da imanência: uma leitura de discursos presidenciais (1964-1978)*, defendida em 1983.

Na época, além de minha atuação docente e da atuação como crítica militante em jornais paulistanos, fui coordenadora das séries *Lendo* e *Documentos* da Atual Editora, onde foram publicados, dentre vários outros, cinco importantes títulos de reconhecidos estudiosos da linguagem: *Teoria do discurso*, de Diana Luz Pessoa de Barros; *Metáfora: da retórica à semiótica*, de Edward Lopes; *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*, de João Adolfo Hansen; *A canção: eficácia e encanto*, de Luiz Tatit; *Surrealismo: rupturas expressivas*, do saudoso semiotista e especialista em artes Eduardo Peñuela Canizal.

O regime de 1964: discurso e ideologia, que está colocado no LATTES de Fiorin como uma das suas mais importantes produções, foi lançado no Spazio Pirandello, um bar e restaurante que existiu na Rua Augusta em São Paulo, num belíssimo casarão antigo, e que durante os anos 1980 foi ponto de encontro de jornalistas, artistas plásticos, escritores, intelectuais. Refiro-me a isso porque realmente se tratava de um lugar especial para autores e livros especiais, tanto assim que até mesmo uma coletânea

³ A perspectiva semiótico-ideológica é uma marca da concepção de linguagem desenvolvida por M. Bakhtin e o Círculo, especialmente V. Volochínov e P. Medviédev, já no início dos anos 1920, sendo essa minha filiação teórica de base.

⁴ Além de minhas atividades científicas e acadêmicas, naquele momento atuei como editora na coordenação das coleções *Lendo* e *Documentos*, da Atual Editora (década de 1980), mais tarde na Área *Linguagens e Códigos*, da coleção didática das Escolas Associadas Pueri Domus (a partir de 2001, com 24 fascículos publicados) e, atualmente, atuo como editora responsável pelo periódico *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso/LAEL/PUC-SP/SCIELO*.

de contos, escritos pelos melhores contistas daquele momento, foi publicado pela Editora Brasiliense: *Contos pirandellianos*: sete autores à procura de um bar.

Mas afinal, o que essas obras têm de tão importante e significativo, naquele momento e ainda hoje, para merecer dos pesquisadores atuais atenção especial, uma volta aos estudos linguísticos dos anos 1980? Dentre as muitas razões que serão expostas a seguir, é preciso considerar que são *obras irmãs*, frutos de uma mesma e consistente pesquisa teórica e prática (FIORIN, 1983) que, de maneira rara, para aquele momento, atrelam linguagem e ideologia pelo foco semiótico greimasiano. Devem, por isso, ser lidas ao mesmo tempo ou ao menos em sequência *complementar*. A meu ver, e como se poderá constatar, esses importantes trabalhos linguísticos são regidos (*iluminados?*) pela literatura, outra fonte de *inspiração*, conhecimento e trabalho do autor. Se a literatura é uma das principais fontes dos exemplos que estão especialmente em *Linguagem e ideologia*, o destaque fica para os versos de João Cabral de Melo Neto e à fala de Riobaldo/João Guimarães Rosa, excertos que se apresentam nos textos e se revelam profundamente esclarecedores, tanto para os leitores como para a compreensão dos objetivos e do conteúdo que perpassa cada um dos trabalhos. Refiro-me à sensibilidade do autor para colher nos dois artistas da palavra o que ele pensava sobre a linguagem e seus poderes:

Acabou vendo Joan Brossa
Que os verbos do catalão
Tinham coisas por detrás
Eram só palavras, não.

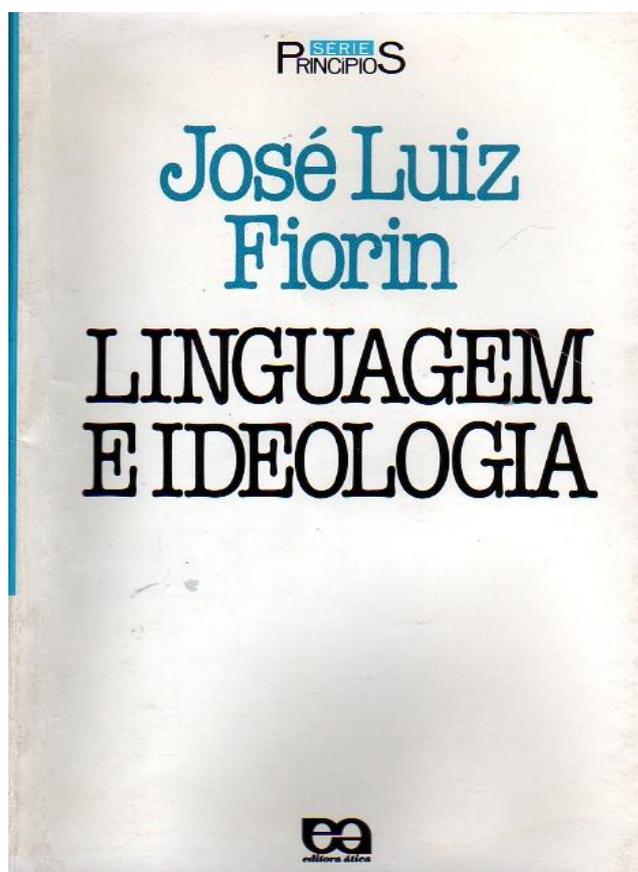
João Cabral de Melo Neto

Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só,
e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito
maiores diferentes, e a gente tem que necessitar de aumentar a cabeça
para o total.

João Guimarães Rosa

Embora as duas obras sejam de 1988, *Linguagem e ideologia* (FIORIN, 1988a), por seu caráter mais teórico, será a primeira a ser discutida. Em seguida, *O regime de 1964: discurso e ideologia* (FIORIN, 1988b) dará a dimensão de como a teoria exposta na primeira antecipa a leitura, análise e interpretação de discursos característicos do poder militar brasileiro, proferidos entre os anos sessenta e setenta.

2 Linguagem e ideologia



Para iniciar a obra e situar o leitor, Fiorin faz uma Introdução, na qual resume em duas páginas e meia, de forma clara e objetiva, as tarefas tradicionais da Linguística, cuja preocupação básica era a “análise das relações internas entre elementos linguísticos” (FIORIN, 1988a, p.5), o que levou ao estabelecimento da linguística estrutural, também chamada de linguística burguesa, e que, naquele momento, alcançava seu *fastígio* e *declínio*, vivendo uma crise epistemológica que exigia dos linguistas um cuidadoso balanço. Para o autor, tratava-se de um momento especial e, conseqüentemente, de uma tarefa difícil. Segundo suas palavras,

[...] A tarefa é difícil, porque implica uma reflexão ampla sobre a linguagem, que leve em conta o fato de que ela é uma instituição social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza entre os homens e os outros homens. No entanto, é preciso ter em conta que a linguagem não é uma instituição igual às outras. Não, ela tem suas especificidades (1988a, p.6).

Ou ainda, para reforçar essa perspectiva inicial que sugere e estabelece a diferença entre *duas* linguísticas possíveis, a obra está assim definida na última capa da primeira edição:

Há duas maneiras opostas de abordar o fenômeno linguístico: uma se preocupa somente em analisar internamente a linguagem, estudando os fatos linguísticos em si mesmos; outra despreza as especificidades da linguagem e busca correlacionar fatos linguísticos com fenômenos da estrutura social.

Neste livro, o autor procura mostrar que a linguagem, ao mesmo tempo, goza de certa autonomia em relação às formações sociais e sofre determinações ideológicas. Por meio de uma análise global, mostra que níveis e dimensões são autônomos e determinados.

E, de fato, num livro tão pequeno, que mede 18cm por 11cm, contendo apenas 87 páginas, o autor consegue apresentar o que promete a quarta capa. Nesse contexto dos estudos da linguagem e da crise da linguística estrutural, Fiorin define os propósitos de sua obra como sendo, fundamentalmente, apresentar uma reflexão sobre as relações que a linguagem mantém com a ideologia. De imediato ele descarta alguns caminhos que poderiam ser os mais óbvios, ou ao menos os que existiam na tradição dos estudos linguísticos, afastando-se explicitamente deles e deles diferenciando seu estudo:

Não nos interessa apenas mostrar que uma pronúncia de prestígio é imposta com a finalidade de discriminar pessoas; que o acesso a determinadas posições de destaque está ligado também à aquisição das variedades linguísticas corretas, elegantes, etc.; que a norma linguística utilizada pelos que detêm o poder transforma-se na “língua” modelar; que as variedades linguísticas usadas pelos segmentos sociais subalternos são consideradas erros, transgressões e seus usuários são, por isso, ridicularizados (FIORIN, 1988a, p.6-7).

Não sendo esses os aspectos que farão parte de sua reflexão, o autor apresenta de maneira ainda mais refinada o seu objeto de estudo:

A nossa intenção é verificar qual o lugar das determinações ideológicas neste complexo fenômeno que é a linguagem, analisar como a linguagem veicula a ideologia, mostrar o que é ideologizado na linguagem. O trabalho é difícil. O que aqui apresentamos é antes um esboço, uma linha de reflexões, que um conjunto acabado de ideias (FIORIN, 1988a, p.7).

Para realizar essa tarefa, que ele considera difícil, desafiadora, vai dividir a obra em vinte pequenos itens/capítulos, além da Introdução, do Vocabulário crítico e da Bibliografia comentada, partes constitutivas da Série Princípios a que a obra pertence.

No item 2, que vem logo após a introdução, intitulado *Marx e Engels dão as primeiras dicas*, Fiorin traz para a discussão, como o título explicita, dois dos papas dos estudos da ideologia, que aqui são invocados a partir do famoso trabalho *A ideologia alemã*⁵. Com esse referencial de peso, especialmente nos anos 1980, começa a apresentar a concepção de linguagem que guiará sua obra. Nesse sentido, afirma que:

A linguagem é um fenômeno extremamente complexo que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, pois pertence a diferentes domínios. É, ao mesmo tempo, individual, social, física, fisiológica e psíquica. Por isso, dizer que sofre determinações sociais e também goza de uma determinada autonomia em relação às formações sociais não é uma contradição. Isso implica, entretanto, distinguir dimensões e níveis autônomos e dimensões e níveis determinados (p.8-9).

Para esmiuçar essa dualidade característica da linguagem, o autor apresenta, nos itens seguintes, a distinção entre o sistema virtual (língua) e sua realização (discurso). Ao contrário do que se poderia imaginar para aquele momento, ele vai frisar que a realização do sistema, a que se refere, não é a *fala*, mas o discurso. Explicita com muita clareza a distinção existente entre *fala* e *discurso*, duas dimensões que, até hoje, podem ser confundidas por alguns incautos. O *discurso*, que de fato é o objeto de suas pesquisas e preocupações, será por ele definido, delimitado, tomando como parâmetro as *determinações sociais e/ou socioeconômicas*. E para que tudo seja esclarecido desde esse início, afirma que as determinações que atingem o discurso não são as mesmas que determinam as mudanças do sistema. O sistema, explica o autor, colocando-se na perspectiva de uma linguística estrutural, é rígido por suas próprias leis internas.

Essa argumentação é reforçada com exemplos - característica constante do estilo de Fiorin - referentes às alterações sofridas pelo sistema fonológico e/ou pelo

⁵ Embora a edição utilizada não esteja referida na Bibliografia comentada (p.84-85) nem em outra parte da obra, naquele momento havia, dentre outras, edições em português e espanhol e, provavelmente, foi uma delas que o autor leu: Grijalbo, 1977 [Edição em espanhol. Trad. Wenceslao Roces, a partir do alemão; 1 ed. em 1970. Antes da concessão de direitos para Grijalbo, os direitos eram da editora: Ediciones Pueblos Unidos - 1. ed. 1968.]; Presença, 1980 [A primeira edição é de 1974/ Editorial Presença/Livraria Martins Fontes. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira.]; Ciências Humanas [HUCITEC], 1981, 1. ed. 1978; traduzida por José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira.

vocabulário. Salienta, entretanto, que isso não significa, necessariamente, que “o surgimento de uma categoria gramatical ou semântica não se deva a razões encontráveis na estrutura socioeconômica de uma determinada sociedade” (p.14). A questão para ele é como comprovar, com rigor teórico e metodológico, que o surgimento de uma categoria, como o gênero (masculino, feminino, neutro), por exemplo, seja determinado por fatores sociais. Considera essa uma importante hipótese, mas também uma grande dificuldade para os estudiosos da linguagem, especialmente no momento em que realizou a pesquisa. Como se verá, a importância da chamada *linguística do sistema* não será descartada em momento algum na obra. A necessidade de busca de novos caminhos para a compreensão desse complexo fenômeno que é a linguagem, especialmente em sua relação com a ideologia, leva o autor a procurar alternativas teóricas e metodológicas para estudar esse novo objeto dos estudos linguísticos, discursivos, semióticos, que é o *discurso*.

Articulando conhecimentos linguísticos e literários, aspecto que também é uma constante no percurso do autor, incorpora à sua reflexão a literatura, em um dos momentos em que essa arte toma como objeto a língua. Chama para ilustrar essa questão linguagem/sistema/discurso, o brasileiro João Guimarães Rosa e, mais especificamente, o conto Uns índios (Sua fala), que está assim resumido no item 4 Quem determina o quê?:

Guimarães Rosa, em *Ave, palavra*, narra que, um dia, visitando uma aldeia de índios no Mato Grosso, observou que, na língua falada pelos seus habitantes, os nomes de cores eram todos terminados em *i'ti*. Pensou que *i'ti* significasse “cor” e que fosse, portanto, substantivo que se tornara um sufixo. Um informante disse-lhe que *i'ti* significava “sangue”. Aí, ele começou a imaginar que, como o indígena entendia que o sangue era o elemento vital, porque para ele a morte estava associada ao esvair-se em sangue, talvez visse a cor como o sangue (o elemento vital) de certas coisas. Assim, o verde seria o sangue da folha (folha morta perde a cor verde); o azul, o sangue do céu; o amarelo o sangue do sol e assim por diante. Procurou, então, saber o significado original do nome das cores. No entanto, nenhum dos falantes foi capaz de informá-lo (p.15-16).

A evocação desse conto tem como objetivo demonstrar que até esse grande escritor, ao ensaiar uma reflexão linguística, acabou concluindo que “toda língua são rastros de velhos mistérios”. Como afirma Fiorin: “As razões do aparecimento das

categorias linguísticas existentes nas línguas modernas perderam-se no tempo” (p.16), para concluir que: “É no nível do discurso que devemos, pois, estudar as coerções sociais que determinam a linguagem” (p.16).

Portanto, a partir do item 5, intitulado Discurso: autonomia e determinação, o autor chega, de fato, depois da pertinente preparação, ao *objeto* que vai possibilitar o estabelecimento de relações entre linguagem e ideologia: o *discurso*. Essa dimensão da linguagem será considerada mais precisamente no que tem, ao mesmo tempo, de *autonomia* e de *determinação*. Para tanto, sem explicitar com todas as letras, mas evocando autores, conceitos, categorias, o autor começa a se valer de teorias como a Semiótica greimasiana, teorias/análises do discurso de origem francesa e russa, dentre outras, e que, naquele momento, apontavam alguns importantes caminhos para novas concepções de linguagem. Ele vai demonstrar, pela via da semiótica greimasiana, que o discurso é estruturado, acolhendo em seu interior uma sintaxe e uma semântica, englobando o campo da manipulação consciente, a sintaxe discursiva, e o da determinação inconsciente, a semântica discursiva, a qual pode ser considerada como campo da determinação ideológica propriamente dita. Para dar conta dessa complexidade, expõe a distinção proposta teoricamente entre nível profundo e nível de superfície, afirmando que:

É no nível superficial, isto é, na concretização dos elementos semânticos da estrutura profunda, que se revelam, com plenitude, as determinações ideológicas. Os discursos que consideram a liberdade como “direito à diferença” ou como “não exploração da força de trabalho” pertencem a universos ideológicos distintos (p.21, destaque do autor).

Ao dar exemplos de universos ideológicos distintos, como é o caso dos discursos que consideram a liberdade como “direito à diferença” e os discursos que a consideram como “não exploração da força do trabalho”, esclarece que dois discursos podem trabalhar com os mesmos elementos semânticos e revelar duas visões de mundo completamente diferentes (p.21). Para reiterar suas afirmações, traz exemplos da literatura, mostrando como duas obras podem valorizar, de maneira oposta, os mesmos elementos. O exame de textos literários vai esclarecendo esse caminho teórico e rigoroso de apresentar maneiras diferentes de dizer *praticamente* a mesma coisa e/ou coisas opostas, explorando categorias como temas e figuras para apresentar a condição

dos textos figurativos e não figurativos, pautado especialmente na perspectiva semiótica.

E nessa sequência clara, lógica e pertinente do ponto de vista teórico, o autor chega a uma pergunta central, que sempre se fazem aqueles que se propõem a pensar a dimensão social, histórica, ideológica da linguagem: *o que é ideologia?* Certamente não é uma pergunta fácil de responder, especialmente quando se trata de atrelar esse conceito ao conceito de linguagem. Dada a sua complexidade, essa interrogação serve de título ao item 8 da obra. Para respondê-la, o autor vai apoiar-se nos níveis de essência (profundo) e aparência (superficial) de uma formação social, voltando novamente a Marx e sua análise do salário e, mais adiante, recorrendo novamente a Engels, em carta a Bloch, datada de 21/09/1980. Apresenta uma reflexão ao mesmo tempo profunda e didática, bastante esclarecedora, que perpassa várias das possibilidades de compreensão de ideologia. Ao mostrar a variação existente, ainda que de maneira rápida, deixa claro que o conceito de ideologia não é tranquilo, dependendo de diferentes posturas epistemológicas, nem sempre (ou quase nunca) compatíveis. Depois dessa importante discussão, assume ideologia da seguinte maneira:

A ideologia é constituída pela realidade e constituinte da realidade. Não é um conjunto de ideias que surge do nada ou da mente privilegiada de alguns pensadores. [...] ela é determinada, em última instância, pelo nível econômico [...] o que não significa que a ideologia seja mero reflexo do nível econômico (p.30).

Ainda com Marx e Engels, repensa essa difícil questão e afirma que “não existe determinação direta e mecânica da economia, mas uma determinação complexa” (p.31), para concluir que:

Há ainda uma coisa muito importante que não devemos esquecer. Embora haja, numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. No modo de produção capitalista, a ideologia dominante é a burguesa (p. 31).

Depois de ler Fiorin sobre a espinhosa questão da ideologia, temos a impressão de que ele realmente facilita a compreensão, coloca os pontos nos *iis*, sem banalizar ou *partidarizar* a reflexão. A prova está no item 9, no qual, dando sequência a essas

discussões, vai enfrentar mais dois conceitos importantes, mas altamente complexos: *formações ideológicas* e *formações discursivas*. Nesse item, o autor procura estabelecer a articulação entre visão de mundo de uma classe social e linguagem, afirmando que:

As visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem. As ideias e, por conseguinte, os discursos são expressões da vida real. A realidade exprime-se por discursos (p.33).

A propósito, discute as relações entre pensamento e linguagem, evocando Vigotsky e demonstrando que pensamento e linguagem são distintos, mas inseparáveis. Reafirma a ideia de que o discurso materializa as representações ideológicas, o que coloca mais um problema a ser pensado: onde fica a consciência individual?

Assumindo *a consciência como um fato social*, título do item 10, Fiorin afirma que o discurso é determinado por coerções ideológicas e, para esclarecer essa afirmação, retoma outro ponto que é a Individualidade na linguagem (Item 11), organizando a discussão de forma a chegar à definição de texto e de discurso: este como pertencente ao plano do conteúdo e aquele ao plano da expressão. E, novamente, é a arte literária e a cinematográfica que vão ajudar o autor a esclarecer essa diferença, assim como as coerções de cada um dos planos.

O passo seguinte é intitulado *A trapaça discursiva*, dando continuidade às diferenças existentes entre *texto* e *discurso*, questão que afeta os estudiosos da linguagem até hoje, aí incluída a recorrente distinção entre *gênero de texto* e *gênero do discurso*. Com essa distinção, texto/discurso, Fiorin tem se ocupado em diversos momentos de seu percurso, incluindo um trabalho intitulado *Da necessidade da distinção entre texto e discurso*⁶, no qual, duas décadas e meia depois desse primeiro livro, de maneira rigorosa e aprofundada, vai retomar essa ideia, esmiuçando-a:

[...] há diferença entre texto e discurso. Este é da ordem da imanência e aquele, do domínio da manifestação. Cabe lembrar, inicialmente, que os termos imanência e manifestação pertencem à metalinguagem e, por conseguinte, não portam nenhum índice de valor a eles associados na linguagem-objeto: imanente não é o mais profundo, o mais importante, etc.; manifesto não é o mais superficial, o menos

⁶ É importante reiterar, mais uma vez, a coerência do percurso de Fiorin. Em capítulo intitulado *Da necessidade de distinção entre texto e discurso* (FIORIN, 2012, p.145-165), o autor desenvolve com profundidade e atualidade, mais de duas décadas depois, esse tema que já está esboçado em 1988.

importante, etc. A manifestação é a manifestação da forma numa dada substância, o que significa que o discurso é do plano do conteúdo, enquanto o texto é do plano da expressão. [...] O texto é a manifestação de um discurso. Assim, o texto pressupõe logicamente o discurso, que é por implicação, anterior a ele (FIORIN, 2012, p.148).

E essa reflexão leva a outras indagações importantes que vão sendo respondidas a cada capítulo: Falar ou ser falado? (título do item 13); como entender o texto e o discurso enquanto arena de conflitos e palco de acordos (título do item 14), incluindo importantes considerações a respeito das formas que um discurso assume para estabelecer relações com outros. O problema da *análise* também é objeto de reflexão por parte do autor, que toma o cuidado de mostrar que o objeto de análise é o discurso e o enunciador é aquele que está inscrito nesse discurso e não o enunciador real. No item 15, intitulado Análise não é investigação policial, afirma: “é o discurso que vai revelar quem é o sujeito, qual é sua visão de mundo” (p.49). A partir dessa perspectiva, apresenta diferentes posições filosóficas, dentre outras, a respeito de o discurso ser ou não reflexo da realidade, sempre reforçando a argumentação com exemplos muito bem trabalhados.

Na sequência, Fiorin vai tratar de mais um aspecto importante quando a perspectiva é, por assim dizer, *marxista*: a linguagem faz ou não parte da superestrutura? Para responder a esse *nó*, vários itens são mobilizados, incluindo uma pergunta fundamental: o discurso é reflexo da realidade? Ao longo de vários tópicos, Fiorin traz para o primeiro plano, dentre outros, o linguista russo Nicolau Marr, assim como Stálin, para concluir de maneira coerente e pertinente que:

Se entendermos que a linguagem, ao mesmo tempo que permeia toda a superestrutura, constitui formações discursivas que pertencem à ordem superestrutural, não incidiremos no equívoco de dar uma resposta exclusivamente afirmativa, como Marr, ou unicamente negativa, como Stálin, à questão das relações entre linguagem e formações sociais. A primeira função da linguagem não é ser representação do pensamento ou instrumento de comunicação, mas expressão da vida real (p.73).

A próxima dimensão da linguagem a ser tratada é a ideia de que Comunicar é agir (item 20). Nele, Fiorin retoma, ainda que de forma resumida, os principais aspectos discutidos anteriormente, ou seja, as formações discursivas como materializadoras das

formações ideológicas, como fenômenos das supraestruturas, bem como o uso de determinados discursos como ação sobre o mundo. E, novamente, Marx é evocado, agora por meio de um trecho de *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* que, segundo o autor, inspirou várias das ideias por ele expostas em *Linguagem e ideologia*.

Como conclusão desse percurso enxuto e bastante coerente sobre a relação linguagem-ideologia, o autor sugere que:

A análise do discurso vai, à medida que estuda os elementos discursivos, montando por inferência a visão de mundo dos sujeitos inscritos no discurso. Depois, mostra que é que determinou aquela visão revelada.

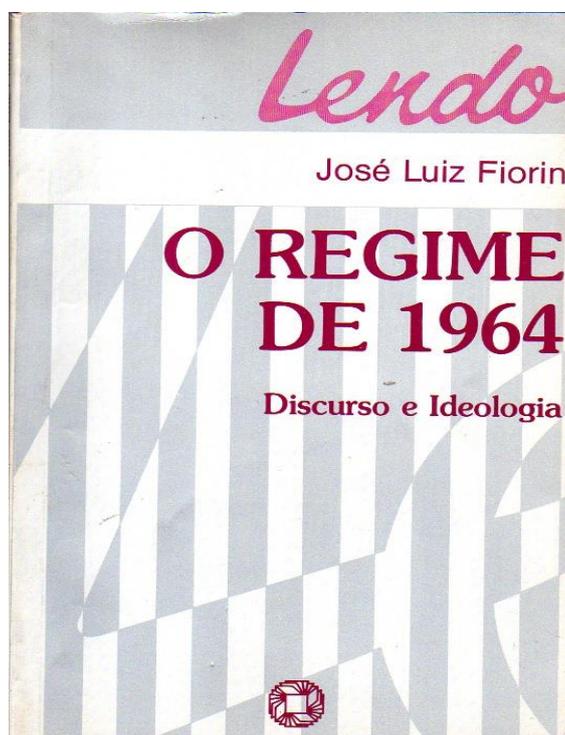
[...]

A análise do discurso deve desfazer a ilusão idealista de que o homem é senhor absoluto de seu discurso. Ele é antes servo da palavra, uma vez que temas, figuras, valores, juízos, etc. provêm das visões de mundo existentes na formação social.

Talvez não sejam apenas as coerções ideológicas que determinam o discurso. Afinal, a linguagem é um fenômeno extremamente complexo e multifacetado (p.77-78).

Sem dúvida, essa obra oferece fundamentos teóricos e metodológicos básicos para uma primeira aproximação das complexas e constitutivas relações existentes entre linguagem e ideologia e, ao mesmo tempo, funciona como parâmetro para a compreensão de *O regime de 1964: discurso e ideologia*. Isso não significa que o arsenal teórico e metodológico não seja retomado. Eles o serão na medida exata da necessidade de entender o que foi trabalhado na primeira obra, a partir de um dos discursos que mais afetaram a história do Brasil: o discurso do movimento militar, da ditadura iniciada em de 64.

3 O regime de 1964: discurso e ideologia



Reiterando o que já foi observado anteriormente, *O regime de 1964: discurso e ideologia* (FIORIN, 1988b) é uma obra que, em certa medida, pressupõe *Linguagem e ideologia*, a qual funciona como uma espécie de suporte epistemológico dela. A obrigatoriedade de leitura (apenas sugestão...) deve-se ao fato de que o autor retoma, com clareza, aspectos teóricos necessários à compreensão do pertinente *corpus* escolhido. Trata-se, nessa obra, de apresentar com mais detalhes, minúcias mesmo, procedimentos que servem de base à análise do discurso político, a partir da leitura de um *corpus* específico, de forma a conduzir o leitor à compreensão, ao mesmo tempo, do discurso-objeto e da possibilidade de encontrar, especialmente na Semiótica Greimasiana, caminhos teóricos e metodológicos seguros, objetivos para desbravar o discurso escolhido, realizando o que propôs na obra anterior: “A análise do discurso vai, à medida que estuda os elementos discursivos, montando por inferência a visão de mundo dos sujeitos inscritos no discurso. Depois, mostra que é que determinou aquela visão revelada” (FIORIN, 1988b, p.77).

Na Introdução, o autor refere-se ao fatídico ano de 1964, à tomada do poder pelos militares e à inconstante repressão, instaurada via tortura e censura de um lado,

e de outro por meio do bombardeio à sociedade com o discurso oficial, militar, do poder, que pretendia ser a verdadeira leitura da realidade. Depois dessa importante localização histórica, o autor revela o objetivo do trabalho: “estudar as variantes do golpe de 1964, a maneira como ele constrói sua coerência interna e a visão de mundo que ele apresenta” e mostrar “suas contradições internas e a não correspondência entre esse discurso e os outros discursos que desvelam diferentes ângulos da realidade” (p.1).

O trabalho, segundo o autor, “revela ainda o lugar social em que o discurso do golpe foi produzido” (p.1). Aqui, com mais espaço que no livro anterior, Fiorin define as bases teóricas que conduzem a análise - a Linguística e a Semiótica (greimasiana) -, tendo como uma das finalidades trabalhar os níveis narrativo e discursivo do discurso militar, sua sintaxe e sua semântica. Tudo isso, segundo Fiorin,

para revelar a inconsistência do seu referente interno e a ordem de necessidade a que se vincula essa construção semântica [...] sistematizar o que muitos já sabem e imprimir um rigor maior à análise do discurso do poder. Se nosso trabalho não for, então, original, pretende, pelo menos, ser um estudo sistemático (p.2)

Para atingir esses objetivos, a obra está organizado em três partes, além da Introdução, da Conclusão e da Bibliografia.

A primeira, intitulada *Linguagem e ideologia*: a busca da história perdida, subdivide-se em sete itens, mais uma conclusão. Nela o leitor se defronta com um arsenal teórico panorâmico e ao mesmo tempo preciso, que oferece uma reflexão bastante pertinente para aquele momento e também para os dias atuais. O que está em pauta, mais uma vez, é o objeto da linguística e seu alargamento a partir da incorporação de aspectos como condições de produção discursiva, enunciação, intertextualidade e, ainda, o espinhoso debate sobre a determinação histórica da linguagem. Na sequência, o autor localiza, nos estudos linguísticos, duas grandes tendências - o formalismo e o ideologismo -, explicitando como acatará esses dois polos e, conseqüentemente, que análise estará assumindo em seu trabalho, com destaque para o fato de o termo discurso ter como pressupondo a noção de sujeito.

Por essa via, retoma de maneira ampliada a discussão sobre algumas concepções apresentadas na obra *Linguagem e ideologia*, tais como autonomia ou determinação do discurso; formações ideológicas e formações discursivas; o social e o individual,

discurso e texto; chegando ao problema do sujeito do discurso, seu grande objetivo, e finalizando essa primeira parte com uma importante concepção de teoria da linguagem:

Uma teoria da linguagem deve estar atenta para as determinações sociais que incidem sobre a linguagem e para a relativa autonomia da linguagem em relação às formações sociais. Para isso, uma teoria deve começar por distinguir níveis e dimensões determinados ou autônomos, individuais ou sociais (p.17).

Na segunda parte, que ocupa a maior parte da obra e se intitula, de forma irônica e bastante sugestiva em relação ao objeto de estudo, O delito semântico, o leitor começa com um pequeno susto. Ou ao menos um estranhamento. Para a epígrafe, em lugar de um João Cabral de Melo Neto, um João Guimarães Rosa ou algum outro escritor que se apresentasse como metonímia do que o autor iria desenvolver no capítulo, parte ou item, aparece o trecho de uma fala de Ernesto Geisel: “A semântica tortuosa dos demagogos transmutava o mal em bem e o bem em mal, prenunciando a trágica noite do naufrágio de nossas mais puras tradições culturais” (p.18).

Como compreender essa epígrafe inesperada, que toma como autor a ser exposto antes da análise, um militar?

Na verdade, desde o primeiro item dessa parte, intitulado O discurso lacunar: algumas opções metodológicas, o leitor começa a compreender a função da epígrafe, na qual o sujeito do discurso está instaurado, mostrado, exposto. E é para esse discurso e para seu sujeito que a análise apontará suas lupas (armas?). Ao esclarecer o objetivo do trabalho – “desvendar as lacunas do discurso do poder” (p.19); “mostrar que o discurso do golpe militar de 64 tenta fazer crer que formas aparentes do real constituíam a realidade total” (p.20), o autor reinstaura a ideia da relação discurso, sujeito, formas de refletir e refratar a realidade.

Para atingir seus objetivos, explicita a delimitação do *corpus*, ou seja, diante da massa de discursos produzidos pela chamada *revolução* de 1964, fez a opção pelos discursos do marechal Castelo Branco, primeiro presidente pós-64, na medida em que os temas e figuras invariantes do movimento militar estão aí presentes e, sendo ele uma espécie de delegado e representante do sistema, sua fala é “a palavra do núcleo do poder”, assim como a dos demais que o seguiram. Também fica esclarecido o recorte imposto ao *corpus* para uma leitura a partir de invariantes:

O texto a ser analisado é um texto construído com base nos diferentes textos-ocorrência. Com isso, estamos alertando para o fato de que o texto construído não apresenta todos os programas narrativos, os temas, as figuras e os processos de enunciação que aparecem nos textos ocorrência, mas somente aqueles elementos pertinentes a cada nível de análise que constituem *invariantes* do discurso “revolucionário” (p.19, destaque do autor).

Dessa forma, além de entender a epígrafe, ao leitor também é dado conhecer os critérios de delimitação do *corpus*, dentro desse jogo dialético estabelecido, pelo autor, entre teoria e prática. E nessa parte aparecem as proposições invariantes, o componente narrativo e a semântica do componente discursivo, a retomada da eleição de Jango, sua posse e sua derrubada, de forma a iluminar significativos aspectos sobre democracia, discurso político e formas de persuasão. É especialmente pelo detalhamento e utilização do instrumental oferecido pela Semiótica greimasiana que o chamado discurso revolucionário e seu funcionamento vão sendo explorados e expostos. E esse procedimento teórico-metodológico vai demonstrando, por meio de uma operação quase que *matemática*, como se dá, discursivamente, a desqualificação de Goulart e a consequente qualificação das forças armadas. Por meio de um jogo minucioso, a análise vai desvendando o discurso do poder de 1964, incluindo a ideologia da dominação, a ordem e o caos, a subversão, a legalidade “revolucionária”, a narrativa conservadora que define o discurso do movimento militar, a caracterização dos oponentes como traidores da pátria, as realizações desse movimento como contenção dos movimentos sociais, a guerra contra o comunismo.

Todos esses aspectos vão sendo inferidos, demonstrados, sob a égide de uma refinada análise do discurso selecionado e de seus componentes narrativo e discursivo, destacando-se a habilidade com que o autor maneja o instrumental oferecido pela Semiótica greimasiana, seus conceitos, sua metodologia. De fato, é possível aprender como funciona essa poderosa ferramenta de análise de discursos, que é a Semiótica greimasiana, com a vantagem de, por meio dela, enxergar o tecido discursivo do poder militar, tão poderoso (ou mais) que suas armas.

Ao finalizar esta parte em que a análise arrasta o leitor para os meandros do discurso do poder, o autor declara:

Até agora, estudamos o componente narrativo e o componente discursivo. O primeiro ordena os elementos discursivos que a língua lhe oferece. Os temas ganham sentido à medida que estão encaixados nas relações que o componente narrativo lhes impõe. Dado o seu sentido no texto, pudemos relacioná-los com a formação ideológica do narrador e do narratário, que iluminou o seu sentido integral e permitiu que entendêssemos a ordem de necessidades a que eles respondem. A partir desse ponto precisamos encetar uma outra série de operações: a desmontagem dos temas para compreender o sistema que ordena as suas relações (p.133).

Fiorin completa sua análise com mais esse procedimento, que realmente não é simples, dependendo do completo domínio do instrumental teórico, o qual possibilita, ao final, uma conclusão acachapante em relação à visão de mundo presente no discurso militar, dominante no regime de 64, que se autodenominava *revolucionário*:

A história “revolucionária” é uma anti-história porque nega qualquer transformação e pretende voltar ao valor inicial, que deve ser infinitamente repetido. A *história é a morte*, porque implica mudanças na sociedade, o que deve ser evitado (p.134, com destaque em itálico do autor).

Ainda que a obra pudesse terminar aí, de forma que o leitor tivesse uma clara compreensão dos procedimentos teóricos e metodológicos oferecidos pela Semiótica, assim como do cerne do trabalho, ou seja, das singularidades do discurso analisado, há ainda uma terceira parte, destinada a caracterização do discurso político e que se intitula Sacralização do discurso político. Embora bastante curta, são apenas onze páginas, essa é uma parte que serve para uma compreensão ainda mais profunda do *corpus* escolhido para análise e, ao mesmo tempo, tem um alcance maior, atingindo qualquer discurso político autoritário. Depois de discutir as características do discurso político e do discurso religioso, Fiorin estabelece a relação entre ambos, analisando minuciosamente cada um deles, demonstrando, especialmente no item O problema da sacralização, que no discurso “revolucionário”, objeto desse trabalho, a sacralização implica “o processo de inserção de marcas do discurso religioso no discurso político”:

[...] o discurso “revolucionário” é, sem dúvida alguma um discurso político, pois ele apresenta as características elencadas para classificar esse tipo de discurso. Entretanto, em alguns pontos, apresenta características do discurso religioso [...] O estado começa por adquirir características atribuídas a Deus: onipotente, onisciente, dotado de um

querer anteriormente inscrito na realidade, eterno e perfeitíssimo. Como se identificam governo e Estado, o enunciador é o destinatário, como nos discursos religiosos, e não destinatário, como nos discursos políticos. *O povo perde o papel de destinatário e assume o de destinatário* (p.145, com destaque em itálico do autor).

4 O fazer científico de linguista voltado para a história

Há muitas coisas que fascinam o leitor dessas duas obras, além do grande aprendizado a respeito das relações existentes entre linguagem e ideologia. Uma delas deve ainda ser mencionada, além das que foram destacadas. Já no início da primeira obra, José Luiz Fiorin assume uma postura científica, ideológica, coerente diante das possibilidades de análise, afirmando sua responsabilidade com as teorias, com o objeto de análise e, especialmente, com a análise concretizada:

Se esse trabalho se revelar tão prenhe de equívocos que as hipóteses devam ser totalmente rejeitadas, só nos resta exclamar como Jakobson: É maravilhoso. A coisa mais importante de dizer sempre é: eu me enganei (1988a, p.7).

Entretanto, passados vinte e sete anos da publicação dessas duas obras, o que se constata é que a primeira grande pesquisa de Fiorin, que resultou em seu doutorado e nesses dois livros, já relacionava, entrelaçava constitutivamente, as dimensões semiótica e ideológica da linguagem. Com sua sólida formação linguística e sua perspicácia para a história e para as possibilidades de ampliação do objeto dos estudos da linguagem, ele voltou seu olhar de cientista para elementos referentes à *materialidade* que, observada, descrita e analisada por lentes *bifocais*, trilhou os caminhos da enunciação, aspecto em que o autor se destacou na área, revelando-se um grande analista do discurso. A maneira como lida com as teorias e confronta o objeto de estudo não apenas confere rigor à análise, mas permite chegar à dimensão discursiva e suas especificidades sociais, culturais, ideológicas.

O signo é assumido por Fiorin como *signo ideológico*. Com o instrumental oferecido pelas teorias que assume, desvenda e leva adiante, e com os tantos pensadores que evoca nessas duas obras, consegue dar consistência e coerência às suas interpretações, às suas formas de construir conhecimento. Desde esses dois primeiros trabalhos publicados, seu pensamento dirige-se constantemente, como se observa até

hoje, às especificidades de discursos que permitem entender nossa história, nossa sociedade, nossa cultura. E vão além delas quando necessário.

Considerando os demais trabalhos que Fiorin produziu ao longo desses anos todos, e que não foram poucos, diríamos que os temas e figuras que perpassam seu mergulho existencial e epistemológico no estudo do discurso, desde *Linguagem e ideologia* e *O regime de 1964: discurso e ideologia*, mantêm algumas invariáveis que permitem ver, por exemplo, mesmo sob o manto das democracias contemporâneas, o discurso político assumindo dimensões do religioso. Em várias falas e textos Fiorin retoma essa contaminação político/religioso, como acontece, por exemplo, em *A sacralização da política* (FIORIN, 2013). Portanto, obras que poderiam parecer datadas e especificamente voltadas para uma certa ideologia e para o discurso militar de 1964, revelam-se pertinentes e fundadoras de uma maneira muito particular de produzir conhecimento a partir da linguística, da semiótica, das teorias da enunciação e das diferentes forma de análise do discurso.

Cabe, para finalizar este artigo, uma última palavra, apanhada nos enredos do criador de Diadorim e que evoca, pela admiração intelectual, os mistérios da amizade:

Amigo, pra mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por que é que é.

João Guimarães Rosa/Riobaldo

REFERÊNCIAS

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988a.

_____. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. 1. ed. São Paulo: Atual, 1988b.

_____. *A religião da imanência: uma leitura de discursos presidenciais (1964-1978)*. 1983. 549 f. Tese. (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo/USP, São Paulo.

_____. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B. & SOUZA-e-SILVA, M.C. (Orgs.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012, p.145-165.

_____. A sacralização da política. In: FULANETI, O. N.; BUENO, A. M. (Org.). *Linguagem e política: princípios teórico-discursivos*. São Paulo: Contexto, 2013, v. 1, p.21-38.

_____. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

MELO NETO, J. C. de. Fábula de Joan Brossa. *Paisagens com figuras*. In: *Poesias Completas* (1940-1965). Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968, p.251.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 22. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

_____. Uns índios (Sua fala). In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970, p.88-90.

PRATA, M. et al. *Contos pirandellianos: sete autores à procura de um bar*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Recebido em 10/02/2015

Aprovado em 27/08/2015